

O peso da leveza

14/07/2016

Maria Clara Lucchetti Bingemer
professora do Departamento de Teologia da PUC-Rio

Ela é alta, negra, esguia, jovem e bela. Seu vestido de verão é leve e uma discreta brisa o levanta deixando adivinhar pernas torneadas e corpo esbelto e atlético. Sua leveza não vem apenas de seu físico, mas do interior de sua alma pacífica e crente. Leisha Evans, de Nova York, é enfermeira. Com seu vestido longo e ondulante, postou-se, sem armas e sem defesa, em frente aos policiais armados.

A manifestação acontecia em Baton Rouge, no estado da Louisiana, contra a brutalidade das forças de segurança americanas. Era parte de uma onda de protestos desencadeada após a morte de dois negros por policiais brancos, em Minnesota e Louisiana. O crime agravou ainda mais as tão candentes tensões raciais no país. Em Dallas, um franco-atirador matou cinco policiais.

Leisha Evans chegou diante da força bruta e das armas com suas mãos vazias. Esperou que a prendessem, o que aconteceu. E descreveu sua ação como obra de Deus. O fotógrafo Jonathan Bachman, que capturou a imagem que viralizou nas redes sociais, ficou impressionado. "Ela não foi violenta, não disse nada, não resistiu. No final, a polícia a deteve."

Leisha não é figura isolada. Segue uma longa e gloriosa tradição muito presente em seu próprio país e no mundo também. A caminhada dos negros em busca de seus direitos em meio ao racismo presente nos Estados Unidos se fez pela via do protesto pacífico. Assim foi com Martin Luther King, que liderou marchas e levantou multidões sem dar um tiro ou cometer um só ato de violência. Ao final, foi assassinado em Memphis, Tennessee.

Mas não só das tensões raciais se trata aqui e sim de todas as lutas por direitos humanos no lado norte da América. Assim foi igualmente com a grande ativista católica Dorothy Day, presa várias vezes por protestar pacificamente contra a guerra do Vietnam, contra a convocação de jovens para essa e outras guerras, contra a violência aos imigrantes e camponeses nas fronteiras do México, enfim, contra tudo aquilo que a força traz em termos de brutalidade e sofrimento.

No último domingo, foi a vez da Europa. A final da Eurocopa, campeonato europeu de futebol, dava como quase certa a vitória da França, favorita e jogando em casa. Após uma partida renhida e dura, Portugal marcou o gol da vitória pelos pés negros de Eder, da Guiné-Bissau, revelação do time português.

Houve choro e ranger de dentes na torcida francesa. E embora discreto e contido, sem a exterioridade brasileira, foi possível ver na mídia torcedores chorando lágrimas doídas diante da derrota de seu país e das orgulhosas cores da pátria da liberdade, igualdade, fraternidade.

E novamente a leveza deu o toque da graça em meio ao peso da força. Desta vez, não com uma bela mulher, mas com uma sensível criança. Um menino português, de camisa vermelha, pode ser visto pelo mundo inteiro consolando um torcedor francês em lágrimas. Enquanto este último, dobrado em dois, chorava desconsoladamente, o menino o abraçava e batia em suas costas, em gesto de amizade que mostrou algo que parece que estamos esquecendo de maneira perigosa: esporte é competição, mas não é guerra. E quem é adversário no campo pode ser amigo fora dele.

Além de ser criança, o pequeno consolador é imigrante. Português em terras francesas, cujos pais ou avós foram seguramente buscar vida melhor no país mais rico e com mais oportunidades de trabalho, aí permanecendo. Em um momento onde acontecem tantos conflitos devido à migração na velha Europa, ver o menino migrante consolando o cidadão francês foi algo bonito de se ver.

A leveza da jovem mulher negra, a ternura da criança descendente de migrantes vem trazer uma mensagem urgente, que precisa ser lida e decodificada em profundidade. Em um mundo tão violento, onde a paz é algo de primeira necessidade, só o “peso da leveza” pode trazer redenção. O peso que é doce, mas intenso, que nos revela que nos foram dadas asas e somos corpo animado pelo Espírito do Criador, que nos deseja em voo permanente e livre para viver a bela vocação humana.

Se a leveza é esmagada, se a beleza é encarcerada, se a infância é ignorada e a inocência desprezada, estaremos construindo um futuro feito apenas de força bruta, morte e sangue. Em termos um tanto intrinsecamente contraditórios, um futuro sem futuro, pois de tanto esmagar e matar, não vai sobrar ninguém para contar a história.